

## Índice

Dedos	9
A Travessa do Pai	17
Círculos Castanhos num Lenço de Cabeça de Mulher	21
Como Comportar-Se de Maneira Adequada	29
Lama e Carvão	35
A Viúva Casa-Se	41
Uma Festa Austera para os fervorosamente Ascéticos	45
A Noiva e o Bebê Rejeitado	49
A Vida É Um Papagaio de Papel	55
Nomes	57
A Virgem	61
A Cigana	67
O Amor Estabelece Condições	71
A Sala Branca	73
O Coletor de Lenha e o Leão	77
O Dínamo	81
Um Passeio	85
Bem-Aventuraça	89
Uma Folha Caindo da Mangueira	93
Nostalgia	97
A Cor Azul	101
Laços de Solidariedade	103
Os Três Macacos	109

Milagres	113
Guerra	121
Uma Desculpa Boa o Suficiente	125
Óculos	129
Uma Chuva Amarela da Índia	133
Perfeição	137
O Teatro	141
O Boneco de Neve e o Homem de Gelo	145
Talismã	151
Estar Delirante de Alegria	157
Amor Juvenil	161
Perdoar	165
Curiosidade	169
O Escorpião	171
Imran	173
O Coração É Feito de Barro e Água	177
A Noite Sagrada da Revelação	179
A Noiva	183
Triângulo	187
Lençóis	191
O Cavaleiro Valente	195

## Dedos

Abro os olhos de repente e vejo os dedos dela. Vejo-os um a um, carnudos, enrugados, as unhas grossas. Um único anel de prata; e o polegar dela, com a unha negra, dura e grossa, conservando os vestígios de um ferimento que quase o decepou.

Eu não via essa unha estranha como sendo estranha. Ela pedia-me sempre para lha cortar, mas nem o corta-unhas mais resistente dava conta do recado. Sempre que eu tentava, ela abanava a cabeça.

— *Khalaas*. Esquece; experimenta com a faca. — E, de repente, surgia uma pequena lâmina, aparentemente do nada. Mas eu não me atrevia. Cortava-lhe as restantes unhas, as saudáveis e normais, deixando para ela a unha negra e dura deformada pelo ferimento.

Ao acordar com a neve a cair do lado de fora da janela do meu quarto, no último andar da residência universitária, levanto-me da cama estreita e fico descalça no chão de madeira, vestida com a minha camisa de noite comprida, a contemplar a neve e a escuridão. E, de súbito, o que vejo não é essa paisagem noturna, mas a unha dura, negra e deformada. Aí mesmo, visível diante dos meus olhos, despertando o remorso em mim. Volto a deitar-me na minha cama estreita, até que, por fim, as vozes dos meus colegas na cozinha se extinguem e a música que soa alto no quarto adjacente se dissipa, enquanto dou voltas e mais voltas na cama, numa angústia de arrependimento.

—

Podia ter feito alguma coisa pela unha negra, em vez de a ter deixado crescer tanto, negligenciada e torta. Era possível a palavra «ignorar» não existir. Mas existia. Não só existia como crescia e ia ficando mais comprida, à semelhança da unha negra, como qualquer unha saudável e confiante crescia o suficiente para deixar um arranhão ou não. Como esta minha unha, ainda com restos do verniz com que as pintei para a festa de aniversário da minha amiga paquistanesa, no dia anterior. Sim, a palavra «ignorar» podia crescer sem parar — sem um corta-unhas, mesmo sem verniz, e quando me senti a sufocar, embrulhada na minha camisa de noite comprida, na minha pequena cama nessa noite nevosa, era o remorso, o sentimento de culpa, que me asfixiava. Desleixo. Negligência. Assobiar para o lado. Fingir não ver. Ignorar.

Alguma vez lhe terei perguntado: «O que aconteceu à tua unha?» Talvez, mas mesmo que o tenha feito, não me recordo da resposta dela, se é que ma deu. Lembro-me de apanhar os fragmentos rijos cortados das unhas saudáveis, pronta para os deitar para o lixo. Ela queria que os enterrasse na terra, mas ignorei-a. Fingi não perceber que era isso que ela queria. Ela dava um puxão na sua bolsa branca dos medicamentos, escondida debaixo da perna esticada, e depois estendia-ma. Não havia nada nela que se pudesse ler, para dizer a verdade, talvez duas ou três linhas a tinta em cada saquinho de plástico. Os comprimidos brancos duas vezes por dia, os cor-de-rosa três vezes por dia. Para que eram os comprimidos? Não faço ideia. Nunca lho perguntei. Tinha vinte problemas para resolver no meu caderno de Matemática: não ia pôr-me a fazer perguntas sobre os medicamentos com frases escritas à pressa nas embalagens.

—

Esquecia os dedos, esquecia os medicamentos. Então, numa noite, uma noite qualquer, uma noite sem insónia, ou mágoa, ou recordações, via-a num sonho. Sentada, da maneira que ela costumava sentar-se nesses seus últimos dez anos de vida, o rosto meigo e coberto de rugas, o sorriso que irradiava bondade, os braços estendidos para mim. Quando ela estende os braços para mim como sempre fazia, o *tarha* comprido e colorido que usa na cabeça parece uma cascata de pequenas pregas e dobras, e o anel de prata no seu dedo mindinho direito, saudável, cintila à luz, ocultando a unha negra deformada. E então caio nos braços dela.

O outono já teria ocorrido. As copas das árvores grandes que circundam a residência universitária já teriam ficado amarelas e as folhas já teriam caído. Os porteiros estariam a varrer as folhas amarelas dos passeios e as alunas da universidade estariam a dar provas do quão bem suportam o tempo mais fresco, optando por vestir as suas saias mais curtas. Mas, instantes antes, eu estivera lá: imediatamente antes de abrir os olhos e de o outono se ter instalado na minha consciência. Estava nos braços dela, sentindo o seu odor, um misto de almíscar-de-civeta com o precioso óleo de pau-d'áquila e o solo ancestral. Estávamos a trocar de papéis. Eu repetia as palavras que ela costumava dizer vezes sem conta: «Não vás.» Não, não tínhamos propriamente trocado de lugar, porque dessa vez ela esboçava um sorriso carinhoso e simpático. Eu não fizera nada disso quando era ela quem dizia: «Não vás.»

Eu tinha ido. E depois foi ela. E não era possível mudar fosse o que fosse. O que a mão do destino escrevera não podia ser apagado. Como um excerto daquele poema antigo: *Todas as tuas lágrimas, todas as tuas súplicas, não apagarão uma única frase do que está escrito*. Pois eu tinha ido, e fui-me embora sem sorrir. Limitei-me a ir, convencidíssima de que podia simplesmente assobiar para o lado. De que não sabia; de que não precisava de

saber. E depois: o remorso. Um arrependimento duro e massacrante, deixando-me mais frágil do que as folhas de outono quebradiças que se desfaziam sob a vassoura do porteiro, por baixo da minha janela.

Os dedos da minha esbelta amiga paquistanesa eram perfeitamente simétricos e nunca um verniz chegara perto dessas unhas. O seu nome, Suroor, significa «felicidade». E sim, ela era a personificação da felicidade. Suroor: cabelo negro como o carvão caindo-lhe sobre as costas e um sorriso deslumbrante. Os seus dedos esguios, com as unhas impecavelmente cortadas, brincando com os fios do seu belo cabelo. Nunca nada lhe estragou as unhas. Era como se a própria vida a tivesse colocado num lugar remoto e abrigado, protegida de tempestades ou vendavais. Sem arranhões, sem inchaços, sem cicatrizes. Eu estava sempre a meter-me com ela. Olhar para os seus dedos trazia-me à memória poemas antigos. «És feita para o amor, Suroor.» Ela ria-se. Em minha defesa devo dizer que estava a citar o adorado Qays da velha Lubna, o poeta triste e doente de amor.

*As insígnias do amor gravam-se sozinhas,  
a forma juvenil dissipa-se  
O amor arrancará das mãos do amante  
até as falanges*

A Suroor não gostou nada disso — «até as falanges», imagina só! — e ela não era feita para o amor. A irmã dela sim.

No aniversário dela — o dia em que pinteí as unhas de vermelho-vivo —, a mente da Suroor parecia estar noutra lugar. A sua irmã mais velha, a Kuhl, casara-se com o respetivo amado num casamento temporário secreto. Ninguém mais sabia e a Suroor teve de esconder esse segredo terrível. Era um tremendo peso sobre a personificação da felicidade que ela era. Nascida na moradia de luxo do pai em Carachi e tendo falado exclusivamente inglês durante

toda a sua despreocupada vida, a Suroor não sabia o que fazer com esse conhecimento. Era algo que a avassalava; deixava-a perplexa. Ela não compreendia como é que a irmã podia ter passado de trocar meia dúzia de comentários namoradeiros à questão calamitosa do casamento. E por quem? Um rapaz que falava inglês ao nível do secundário, aprendido na aldeia remota dele, algures no interior do Paquistão profundo. O pai dele não era um bancário distinto como o seu e a mãe, camponesa, nunca ouvira falar numa cidade chamada Londres. Porém, no último ano do curso de Medicina, a Kuhl encontrara um *shaykh* disposto a uni-la ao amado num casamento *mut'ha*. E, no seu vigésimo segundo aniversário, Suroor carregava esse segredo, arrastando-o com ela como um dedo mutilado com uma unha negra meio torta.

Com o seu longo cabelo preto caindo desgrenhado por cima do meu ombro, a Suroor soluçava.

— Imagina só, Zuhour, imagina! A minha irmã... a minha própria irmã, a casar-se com aquele campónio! — A Suroor era mais bonita do que a irmã; era parecida com a mãe delas, que tinha crescido em Londres e que, não fosse o ter-se casado, talvez se tivesse tornado uma estrela dos palcos londrinos. A Suroor não usava maquilhagem. As lágrimas dela eram gotas transparentes e puras, não estavam escurecidas pelo *kohl*, ou manchadas com base para o rosto. Eram gotas grandes, pérolas cintilantes, lágrimas a valer: lágrimas adequadas. Ao passo que as minhas lágrimas... tinham sido traços acastanhados finos escorrendo pelo meu rosto sujo.

Enquanto me esfregava as lágrimas das faces, com o polegar da unha negra, a minha avó estendera-me a bengala e dissera:

— Vai atrás deles! Dá-lhes uma valente tarefa, estás a ouvir? — Eu fingira ir atrás deles, mas em vez disso escondi-me no recanto de oração nas traseiras da casa principal. Foi no verão antes de ela ter ficado coxa e não conseguir fazer nada a não ser estar sentada. Nessa altura ainda caminhava todos os finais de tarde, entre a

nossa casa e os pomares, atravessando as ruelas onde nós brincávamos. E então chegou o dia em que testemunhou uma cena que acontecera inúmeras vezes antes, sem que ela o soubesse. Eu, estendida no chão, com a Fattoum a esfregar-me a cara na terra, enquanto o irmão dela, o Ulyan, me puxa os cabelos e as lágrimas deixam traços de sujidade nas minhas faces. De repente, lá estava ela: a sua figura enorme, a altura distinta e o corpo robusto e forte. A bengala na qual sempre se apoiara desceu sobre a Fattoum e o Ulyan. Os irmãos fugiram a correr, entrando na casa deles, mas ela seguiu-os, e depois puxou a bengala atrás e bateu com toda a força na porta da madeira, quase a rachando ao meio. Quando o Abu Ulyan a abriu, foi por um triz que a bengala dela não lhe vazou uma vista.

— Se não castigares esses teus miúdos — avisou-o ela —, castigamo-los nós. — Em seguida, deu meia-volta e regressou a casa com passos pesados, sem sequer olhar de relance na minha direção.

Ainda havia um pouco do bolo de aniversário e copos de papel meio cheios de sumo em cima da mesa. Tinham aparecido poucos colegas da universidade: a Suroor não servia álcool. Estava a estudar Árabe Clássico e Medieval. Há já algum tempo que estava mais à vontade a ler o estudioso medieval al-Tabari do que um simples jornal. Ao ler as interpretações dos estudiosos antigos do Alcorão, convencera-se de que o pai dela estava errado ao servir bebidas nas suas ruidosas festas, quer na moradia em Carachi, quer no apartamento em Londres.

Eu estava a pensar que devíamos dar uma arrumadela à sala, mas a Suroor continuou a queixar-se da irmã.

— Ele é um campónio. Os pais dele são analfabetos. É um agricultor. — Contudo, ele não era um agricultor campónio. Era um estudante a tirar o curso de Medicina, à semelhança da irmã dela.

— Quem dera à minha avó ter sido uma agricultora campónia — disse-lhe eu. Arrependi-me de imediato dessa minha reação abrupta. A Suroor ergueu a cabeça.

— A tua avó? — E pronto. As palavras tinham saído e já não podiam voltar para dentro. Eu dissera-o: «a minha avó». Porque é que as palavras não vêm com uns cordéis agarrados, para que as possamos puxar novamente para dentro? Porém, não havia cordéis nenhuns. Essas palavras tinham sido proferidas. O que está feito, feito está.